

NOTA SOBRE A CRIANÇA: FANTASIA, EDUCAÇÃO E MEMÓRIA.**NOTE ON THE CHILD: FANCY, EDUCATION AND MEMORY**Maria do Ceu Diel de Oliveira¹

RESUMO Este artigo deseja conversar sobre a infância e seu “mundo imaginal”. Para sermos convidados e atores deste lugar da memória - onde habitávamos enquanto crescíamos - pensaremos em imagens da televisão e do cinema: um documentário sobre as “*beauty queens*” e o filme *Sonhos*, de Kurosawa.

PALAVRAS-CHAVE: Criança, arte, ensino de arte e fantasia, morte

ABSTRACT: This article looks to the children and their imaginably world. To be a guest in this imaginably place of the memory- place where we lived when we were growing older- we will think in some images of the television and the cinema: a documentary about the “*beauty queens contests*” and the Kurosawa’s *Dreams*.

KEYWORDS: Children, art, learning art and fantasy, death.

As candidatas que participarão de um famoso concurso de canto e dança preparam-se no salão de beleza. Tem seus cabelos pintados e repuxados, as sobrancelhas retiradas e as unhas artificiais coladas e pintadas. Enquanto esperam no secador, ouvem suas próprias vozes gravadas e repassam os pontos difíceis de cada música. As mães e avós sorriem, esfregando as mãos e ajeitando o vestido brilhante e bordados de contas lustrosas e engomado nos babados altos que contornam as cabecinhas minúsculas. A pele pálida das

¹ Dra Maria do Ceu Diel de Oliveira e professora da EBA-UFMG. mariadiel@gmail.com

garotas recebe a maquiagem que disfarça olheiras e alguma pequena marca indesejada. Experimentam os saltos altos, calçados especiais para pés pequenos, olham distraidamente os anéis e braceletes barulhentos que usarão na apresentação diante dos jurados e rememoram as respostas prontas que darão caso perguntadas sobre a família, a melhor amiga, o passatempo favorito e o que-querem-ser-quando-crescerem. Viajaram muitos quilômetros e nem mesmo perceberam as cidades, árvores, parques luminosos ou outras crianças como ela que patinavam nas calçadas ou jogavam bola em gramados bem cuidados.

No dia da apresentação - que reúne estas premiadas cantoras dos Estados Unidos - elas devem desfilarem com costumes diversos, exibir graça e elegância, cantar com afinção e sentimento e sorrir, sorrir muito... Desfilam com roupas de banho, com vestidos de noite, arrastam longas caudas de “faillete” e cetim e acenam, pousando o queixo nos ombrinhos, num jeito “coquette” e com as mãos na cintura inexistente, requebram num ângulo agudo, enquanto vão e voltam pelo palco, exibindo charme e sensualidade.

Tudo seria a rotina convencionalmente cafona dos concursos de beleza e Miss Mundo se não tivessem estas candidatas apenas seis anos de idade e que desde o primeiro ano de vida participam desta rotina de apresentações e ensaios. Concursos desta natureza são comuns em cidades americanas e européias e as cantoras mirins acertam suas vidas entre uma apresentação e outra. Os pais são os principais incentivadores, uma vez que além de um troféu para as candidatas existe o considerável prêmio em dinheiro ou os carros e eletrodomésticos, para desfrute de toda a família. Competição, desempenho, concorrentes, eliminação, prêmios e classificação são palavras comuns que as crianças aprendem, ouvindo e sentindo – o que enfim, dá sentido às suas vidas. A sensualidade de um corpo não formado, os trejeitos e maneirismos de uma atriz e cantora adulta aparecem bizarros e mecânicos incorporados pelas meninas, que equilibram-se em saltos altos, abrem e fecham as bocas maquiadas dando beijos sensuais no ar ou travestem-se de atrizes famosas e já falecidas, conferindo ainda mais morbidez a este tipo de concurso.

Que coisas são estas crianças? Que tipo de sociedade deseja ser representada nos corpos em formação de meninas de seis anos, que interpretam adultos com voz infantil? O que se vê quando se olha para as candidatas, alinhadas com suas coroas de brilhantes e vestidos colantes, com sorrisos de primeira dentição cercados de batom encarnado?

Pode se pensar que estão brincando de adultas com as coisas da mãe, suas jóias e

camisolas de renda, calçando os sapatos largos e caminhando desengonçadamente pela sala, para gozo dos avós que balançam as cabeças, sorrindo, compreensivos. Mas estes sapatos não estão largos, os vestidos estão cuidadosamente cosidos entorno dos corpinhos e a maquiagem não é um arremedo da mãe... o que se vê é *obsceno* – fora de cena - imagens que não se harmonizam no mesmo instante, mas giram em busca de um sentido. A sensualidade e o apelo erótico procuram “colar” seu sentido no corpo que o encarna, mas este corpo não o contém, pois mantém o angelical, o inocente, o germinal, o proibido, o delicado... Então o sentido gira novamente e vai para o som, nas vozes das cantoras mirins, que pela precocidade natural, são agudas e adstringentes, e as letras das músicas que falam de amores e suas dores não encontram seu entendimento nas expressões faciais das crianças que ainda não sabem o que seja a paixão física. Este “des-sentido” das imagens nos envolve como uma névoa de estranhamento e nosso pensamento vai e volta, abre e fecha e o sentido se apresenta finalmente como escolha estética e política de uma nação de fac-símiles. Aqui, na estética-política, o sentido se solidifica e a forma se faz: a representação da sociedade sem sentido busca uma forma sem forma para aderir, uma “coisificação” que dará forma ao indizível. No corpo da criança sem infância e sem sentido do que seja o mundo adulto, a imitação do mundo através do teatro, da música e da mímica são as únicas formas de sentirem-se vivas e assim existirem na vida e no amor.



Em seu filme “Sonhos”, Akira Kurosawa narra lendas, delírios e sonhos. Em um episódio particular, “Sol em meio da chuva”, uma criança é advertida pela mãe que não deveria ir à floresta quando há chuva e sol, pois é a época do acasalamento das raposas, que não gostam de serem observadas. Mas ele desobedece aos conselhos e observa as raposas, atrás de uma árvore, maravilhado. Ao retornar para casa sua mãe não o deixa entrar e lhe entrega um punhal, dizendo que como ele havia contrariado a raposa ele deveria se matar. O menino segura o punhal espantado, e a mãe sugere que ele vá ao encontro da raposa e peça perdão, para tentar assim remediar a situação. Ela fecha o portão da casa e ele principia a caminhar por um prado florido e colorido, em busca da raposa.



Sua mãe, ao contrário de um alheamento dentro da fantasia do garoto, partilha da secreta vida das raposas. Adverte o menino que a desobedece. Assim ele nega seu conselho, negando também sua existência. Ela então o trata com dignidade e oferece a opção da morte ritual, mostrando assim o mundo das atitudes e da suplantação: ele deve superar sua infância irresponsável e curiosa e adentrar ao mundo da fantasia “real” e a porta da casa que se fecha conclui também o ciclo infantil. Não foi apenas uma travessura espionar as raposas, significou o ingresso para o autodescobrimento dentro da faixa sutil e delicada que divide o mundo imaginal do visível, da floresta onde animais caminhavam e de sua casa, sua família e mundo conhecido. Caminhando resolutamente em direção ao universo fantástico onde uma raposa aguarda seu pedido de desculpas que permitirá que torne a viver com dignidade entre os seres humanos, o menino carrega consigo a impossibilidade

de retornar sem este confronto. Nós também, espectadores da lenda, não conseguimos imaginar onde e como será o encontro. Kurosawa generosamente fecha a história no plano que inclui a paisagem e o menino, pequeno caminhante na expectativa do fantástico.

Em verdade, escrevo sobre mortes aqui. No primeiro momento, quando vejo e revejo o documentário das cantoras mirins, mais e mais indescritível se torna esta morte. Não a morte do corpo, mas dos sentidos e de todas as coisas que dão sentido as formas do mundo. Mortes são abandonos ao improvável e elas têm suas imagens. A imagem da morte pode ser uma renúncia, um arremedo, uma impossibilidade inadiável, uma coisa a que somos compelidos a fazer. O mundo adulto deseja alimentar-se das mortes, dos abandonos, das desconsiderações e dos esquecimentos. Também nutre-se dos pensamentos curiosos, das imagens em espelhos defeituosos, das quinquilharias das quais nos cercamos e que pensamos ser o indispensável. As mortes também se apresentam nos rituais de passagem e iniciação, como alegorias de passagem e fortuna, materializando-se na névoa do desentendimento e da impossibilidade. Estas mortes pontuam nossa vida adulta e aos poucos nos envelhecem.

Estarão mortas as crianças que imitam adultos mortos? Ou que imitam o que pensam serem habitantes do mundo adulto? Pois “parecem” mortas, pois estão envelhecidas pelas trucagens adultas que, num átimo, colam-se em suas vozes, falas e gestos. Ou nas suas bocas tortas que apontam para baixo quando não vencem no concurso, num esgar de dor e perda do sentido, assemelhando-se às máscaras do teatro oriental, transformam-se em caricaturas do mal. A morte também está nos gestos vazios e nas frases que os pais pronunciam para consolar a filha que acabou em quarto lugar. Mas a revelação não segue à morte. Não há transformação pela redenção ou pela provação. A continuidade é a rotina de apresentações e competições. A alma permanece presa num corpo em busca de sentido. Nem mesmo a música - permitiu a passagem de Orfeu nos Infernos - salvará os pequenos corpos que, pouco ou nada vividos, aproximam-se do fim de suas curtas vidas. A fantasia – *fantasmata*, conhecimento pelas imagens - poderia ser uma das chaves da dignificação da alma e saúde estética dos corpos destas crianças. Porém, infantilizadas no que o existe de mais banal e vicioso - a imitação do sexo travestido de criança e novamente

travestido em adulto - não vislumbram um caminho de mistério e migração dos significados.

Enquanto o menino de Kurosawa parte em busca de perdão na estrada fantástica que nasce da casa familiar e termina no inusitado, as bonecas vivas dos concursos de música continuam rodando por estradas e caminhos cujas paisagens são proibidas de contemplar, sendo escoltadas por genitores cegos e surdos, incapazes de receber e compreender que são portadores de morte sem redenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Filmografia:

Living Dolls: The Making of a Child Beauty Queen. Direção Shari Cookson.EUA.2001. Documentário para a televisão.

Kurosawa's Dreams. 1990. Episódio: Sol em meio da chuva.